



Avaliação em Matemática: Pense nisto!

Durante os últimos anos, a concretização das orientações metodológicas dos *novos programas* trouxe desafios diferentes e colocou novas questões aos professores. Um dos aspectos que mais polémica gerou durante o período de implementação desses programas foi a avaliação.

A avaliação dos alunos — na disciplina de Matemática, como em todas as outras — “envolve interpretação, reflexão, informação e decisão sobre os processos de ensino e aprendizagem” (Abrantes, 2001, *Reorganização Curricular do Ensino Básico: Princípios, Medidas e Implicações*, pp. 46,47) e, por isso, é preocupante que as dificuldades sentidas pelos docentes nesta vertente do seu trabalho possam muitas vezes levá-los a aligeirar, evitar ou abolir determinadas estratégias de ensino e de aprendizagem.

Sendo a principal finalidade da avaliação contribuir para a melhoria da formação dos alunos, há que distinguir à partida dois termos — *avaliar* e *classificar* — que podem conduzir a mal-entendidos quando se reflecte ou se discute acerca dos conhecimentos, das competências ou do trabalho dos alunos. Embora todos os professores saibam que avaliar não é classificar, os dois conceitos e sobretudo as duas concretizações surgem, na prática, inevitável e incomodamente associados.

Em nossa opinião, bastariam as observações dos dois últimos parágrafos para justificar sobremaneira toda a discussão e análise que possa ser feita sobre o tema da avaliação. Nesse sentido, pretendíamos que o presente texto constituísse uma simples reflexão sobre os significados e as formas da avaliação, e sobre as conexões deste aspecto específico com o res-

tante processo de ensino e aprendizagem da Matemática. A leitura das linhas que se seguem permitirá concluir que tal pretensão acabou por dar outros frutos. É que, se uma certeza em Educação é que não existem certezas, no caso das nossas reflexões sobre avaliação houve um tão motivador emergir de questões que optámos por alterar a forma transformando este texto num conjunto de perguntas relativamente às quais apresentamos uma sugestão: pense nisto!

Algumas questões prévias:

- Como articular as actividades de avaliação com as restantes actividades desenvolvidas nas aulas, com a leccionação dos conteúdos programáticos, com as necessidades e especificidades dos alunos?
- Sendo a avaliação um processo contínuo inerente ao próprio processo de ensino e aprendizagem, com que frequência se pode/deve proceder a registos dessa avaliação?

Questões sobre o objecto de avaliação ...

- Que competências avaliar?
- As atitudes também se avaliam?
- Há atitudes e/ou competências a cuja avaliação devamos atribuir maior importância?
- Que parâmetros de avaliação devem ser considerados num trabalho para elaboração de um relatório sobre uma experiência matemática?
- A actividade matemática subjacente (investigação, modelação, problemas, ...) pode alterar os parâmetros?
- Os parâmetros serão diferentes tratando-se de trabalho a pares ou em grupos maiores?

- No trabalho a pares ou em grupo, as atitudes são indispensáveis na avaliação do processo?

sobre os possíveis instrumentos ...

- Que tipo de instrumentos serve de apoio às actividades de avaliação?
- Com que instrumentos se devem avaliar capacidades?
- Como avaliar relatórios e outras produções escritas?
- Num trabalho realizado em grupo, como avaliar o processo, quando são vários os grupos a observar?
- Fará sentido avaliar só o produto desde que deste conste a descrição do processo?
- Deve o trabalho desenvolvido a pares ou grupo na aula ser avaliado distinguindo o trabalho conjunto da contribuição individual de cada aluno?
- O que se pretende realmente avaliar nas tarefas que não são realizadas na aula?
- Como se articula a avaliação de competências e saberes efectuada na sala de aula com a realizada com base em trabalho fora da aula?

quanto ao envolvimento dos alunos ...

- Informar claramente os alunos do que vai ser avaliado é ou não um meio de os levar a desenvolver ou a trabalhar naquilo que se pretende?
- Como proporcionar *feedback* aos alunos?
- Como envolver os alunos no processo de avaliação promovendo a auto-avaliação do seu próprio processo de ensino e aprendizagem?

e, finalmente, sobre a classificação ...

- Ainda que se consigam avaliar todos os parâmetros pré-definidos como são transformados em classificação?



- Como traduzir para um valor numérico a avaliação qualitativa de um trabalho?
- Que peso atribuir na classificação, à avaliação obtida através dos diversos instrumentos de avaliação?
- Como irão contribuir as várias informações na classificação do aluno?

Talvez não existam respostas únicas nem consensuais para todas estas questões porque as possíveis (muitas) respostas serão sempre moldadas

pela (in)formação e experiência dos professores, pela troca de ideias e pelo trabalho conjunto. Por isso, julgamos que, mais importante do que expor as nossas opiniões — coincidentes ou não com as vossas — será relançar questões que promovam o re-investimento numa componente decisiva do ensino e da aprendizagem. Estas questões, ao serem discutidas, poderão contribuir modestamente para uma sempre necessária reflexão sobre aquele que é um elemento integrante e regulador da prática edu-

cativa, visando certificar as diversas competências adquiridas pelo aluno e apoiando o processo educativo de modo a sustentar o sucesso dos alunos (Despacho Normativo n.º 30/2001).

Fátima Pona

Helena Isabel Sousa

Isabel Cristina Dias

Escola Secundária/3 José Cardoso Pires, Santo António dos Cavaleiros

Depoimentos dos alunos

Como é que achas que o teu professor de Matemática chega à nota de final de período?

(4º ano)

Rapaz (4º ano/Vila Real/Bom): *Óbvio, junta as notas das fichas de avaliação e também vê a nossa participação e vê a média. Também sei isto porque os meus pais também são professores.*

Rapariga (4º ano/Vila Real/Com dificuldades): *Eu acho que a professora chama os pais e dá uma avaliação e no fim do 4º ano dá uma avaliação. A professora, se eu tiver satisfeito pouco, diz-me que eu tenho que*

estudar mais para ficar melhor a Matemática.

Rapaz (4º ano/Portalegre/Bom): *Com a correção das fichas.*

Rapariga (4º ano/Portalegre/Com dificuldades): *Com a maneira que a gente põe as contas.*

Rapaz (4º ano/Porto/Bom): *Não sei.*

Rapariga (4º ano/Porto/Com dificuldades): *Vendo o que eu faço nas fichas. (Segundo a aluna, na avaliação final*

do 2º período a professora escrevia que ela tinha que estudar mais, que se não estudasse mais, não passava)

Rapaz (4º ano/Lisboa/Bom): *Vê os erros das fichas e do que vai perguntando nas aulas. Se tiver muitos erros, dá uma nota baixa.*

Rapaz (4º ano/Lisboa/Com dificuldades): *Vendo pelas coisas que eu fiz. Se fiz muitas erradas ... poucas erradas ... Se tiver muitos erros, dá Satisfaz Pouco.*

Podemos afirmar que, de acordo com as respostas dadas dos alunos, estes têm, na sua grande maioria, uma opinião sobre os procedimentos de avaliação desenvolvidos pelos seus professores (apenas um aluno afirma não saber). Há uma certa convergência nas opiniões expressas, nomeadamente no que diz respeito à forma como a informação avaliativa é produzida. Esta faz-se a partir de produções escritas, fichas, e assenta, essencialmente, na contabilização dos erros.

Há dois alunos que têm uma ideia mais global destes procedimentos, acrescentando a importância da participação na atribuição das notas.

É ainda de salientar que um aluno faz referência a uma dimensão de natureza mais formativa da informação final de período, quando afirma que o seu professor em função dos resultados lhe dá orientações no sentido de superar as suas dificuldades, aconselhando-o a estudar mais.